

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

*** * ***

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeirete: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Renata Díaz-Szmidt
Uniwersytet Warszawski
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej

O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI

Resumo:

Neste artigo pretende-se analisar a obra das poetisas angolanas, cujos poemas publicados depois do ano 2000, não foram ainda alvo de aprofundados estudos crítico literários. Se bem que hoje em dia, a produção literária das angolanas desperte um vivo interesse nos numerosos investigadores africanos, brasileiros e europeus, os seus esforços analíticos concentram-se nas obras das autoras já internacionalmente reconhecidas como Ana de Santana, Alda Lara e Ana Paula Tavares cujas obras fazem parte do cânone literário angolano. Neste artigo enfoca-se as mais recentes etapas do desenvolvimento da poesia angolana no feminino através da leitura dos versos de poetisas ainda pouco conhecidas: Amélia Dalomba, Maria Celestina Fernandes, Leila dos Anjos, Ana Branco, Alice Palmira, Carla Queirós, Cecília Ndanhakukua e Kanguimbo Ananáz. A vontade de transformar o mundo através da escrita e a convicção profunda que a literatura tem sempre um papel social importante a cumprir são provas do engajamento ideológico feminista destas poetisas.

Palavras-chave: literatura angolana, poesia, mulher, engajamento social.

Summary:**The feminine universe in the poetry of Angolan women at the beginning of the 21st century**

The purpose of this article is to analyze the works of Angolan women poets published after 2000. Their poems were not deeply analyzed by literary critics whose analytic efforts are focused on the works of well-known authors such as Ana de Santana, Alda Lara and Ana Paula Tavares. This article focuses on the more recent development stages of Angolan women poetry through the poems of not yet very famous poets such as Amélia Dalomba, Maria Celestina Fernandes, Leila dos Anjos, Ana Branco, Alice Palmira, Carla Queirós, Cecília Ndanhakukua and Kanguimbo Ananáz. The will of transforming the world through writing and the deep conviction that literature has an important social role to accomplish are the evidence of the feminist ideological engagement of these poets.

Keywords: Angolan literature, poetry, woman, social engagement.

Neste artigo pretende-se analisar a obra das poetisas angolanas, cujos poemas publicados depois do ano 2000, não foram ainda alvo de aprofundados estudos crítico literários. Se bem que hoje em dia, a produção literária das angolanas desperte um vivo interesse nos numerosos investigadores africanos, brasileiros e europeus, os seus esforços analíticos concentram-se nas obras das autoras já internacionalmente reconhecidas como Ana de Santana, Alda Lara e Ana Paula Tavares cujas obras fazem parte do cânone literário angolano. Neste artigo enfoca-se as mais recentes etapas do desenvolvimento da poesia angolana no feminino através da leitura dos versos de poetisas ainda pouco conhecidas: Amélia Dalomba, Maria Celestina Fernandes, Leila dos Anjos, Ana Branco, Alice Palmira, Carla Queirós, Cecília Ndanhakukua e Kanguimbo Ananáz. As suas coletâneas poéticas não foram ainda devidamente analisadas pelos estudiosos das literaturas africanas.

Os poemas das poetisas acima mencionadas refletem a condição pós-moderna, fragmentada e angustiada do sujeito feminino que reflexiona sobre a sua identidade individual, social e cultural e sobre a crise dessa identidade em construção. Os poemas escolhidos, cheios

de perguntas identitárias no feminino – quem sou? quem serei? – apresentam uma busca constante, ansiosa e, às vezes, dolorosa da identidade própria, de tudo aquilo que nos atribui a nossa condição humana mas que é, ao mesmo tempo, inefável e difícil (senão impossível) de definir. Através da escrita os sujeitos líricos tentam encontrar a essência do seu *eu* feminino. Deste modo, a poesia reflecte a construção da identidade própria entendida como um processo de aquisição de autoconsciência como mulher desenvolvido a partir de fatores filosóficos, psicológicos e sexuais.

O ponto de partida é a constatação que a identidade além do seu carácter individual tem uma relevante dimensão social que se evidencia em cada obra artística, já que cada artista está relacionado com uma determinada sociedade e as suas condições. Acreditando nas teses de Hyppolyte Taine, Franco Ferrarotti, Giovanni Riccardi, Jean Marie Guyau e Arnold Hauser que a literatura, como toda a arte, **proporciona conhecimentos sobre alguns dos aspectos** da sociedade, proponho analisar a obra poética das autoras escolhidas para poder compreender a atualidade angolana que se caracteriza, hoje em dia, por profundas convulsões ao nível da mentalidade social. Já há muito passou o tempo em que a voz feminina em Angola não tinha uma identidade. Como confessou Paula Tavares na conversa com Michel Laban até aos anos 80 do século XX, não se encontrava na poesia angolana uma voz que falasse só enquanto mulher (Laban, 1998: 852). Hoje em dia, contudo, ela é bem relevante em cada discussão sobre os problemas da sociedade angolana em constante desenvolvimento. Ouçamos então esta voz poética angolana no feminino rica em sentidos, emoções, sentimentos e paisagens interiores de extrema beleza e mistério e analisemos as mensagens que ela nos transmite.

Começando as nossas reflexões é preciso sublinhar que as mais recentes poetisas angolanas por mais originais caminhos que empreendam e por mais inovadoras visões da realidade e da mulher que apresentem, entram em diálogos íntimos com a obra das poetisas anteriores ora interiorizando ora contestando os seus conteúdos. Como repara Inocência Mata no seu livro *Literatura Angolana: Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta*, dedicado à literatura angolana

no feminino, a mais recente poesia escrita por mulheres em Angola é “um percurso do espírito: (...) dos lugares poéticos cristalizados (...) ao tempo de reflexão, das respostas, através do reconhecimento das contradições interiores, através duma dor que não é infrutífera, mas epifânica (...)” (2001: 117). Nos anos 50-60, estes lugares poéticos cristalizados na poesia feminina constituíam um espaço de empreendimento da luta pela libertação. Assim, até à independência em 1975, os poemas escritos por mulheres tinham uma forte raiz revolucionária e demonstravam um grande engajamento ideológico das autoras. Em África, muitos intelectuais, alguns inclusive membros atuantes dos grupos de guerrilheiros que lutavam pela libertação, vislumbraram os seus escritos como um campo de combate político e social. Dentre as diferentes vozes que exprimiam o desejo de consolidar um projeto de descolonização, deparamos com o afloramento de uma escrita de mulheres que se esforçavam por desvendar o modo como as mulheres percebiam as relações de poder na sua vida quotidiana. Como repara Kátia da Costa Bezerra, década de 80 foi um período de efervescência literária que implicou no despontar de uma nova geração de poetisas ligados aos diferentes grupos literários que então surgiram (Bezerra, s.d.). Poetas que, como escreve Manuel Ferreira, deixaram de lado um discurso de exaltação, quer do passado político, quer da luta ideológica em prol de novas preocupações estéticas e da linguagem (1992: 8). Naquela altura deparamos com uma produção feminina que procurou problematizar o processo de reconstrução da metáfora da nação a partir de vetores como sexualidade e género. Essa escrita de mulheres caracterizava-se portanto por uma dinâmica própria já que as suas obras procuravam colocar em questionamento códigos, valores e categorias que tinham ajudado a legitimar a forma como a sociedade foi estruturada. Para tanto, as poetisas como Ana de Santana (n.1960) e Ana Paula Tavares (n.1955) tomaram para si a posição de autoridade, tornando-se responsáveis pela expressão de suas próprias vivências e desejos. Nesse sentido, o processo de auto-invenção empreendido por essas vozes caracterizou-se pelo desejo de articular e legitimar vivências e perspectivas próprias e femininas. Paula Tavares, considerada, nesta abordagem, a mãe da moderna

poesia angolana publicou cinco livros de poesia *Ritos de Passagem* (1985), *O Lago da Lua* (1999), *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* (2001), *Ex-Votos* (2003) e *O Manual para os Amantes Desesperados* (2007). Escreveu também dois livros de crônicas, o *Sangue de Buganvília* (1998) e a *Cabeça de Salomé* (2004). A sua obra literária que marcou decisivamente a história da literatura angolana já tem grande e significativa bibliografia crítica e contém trabalhos de Laura Padilha, Inocência Mata e de Maria Nazareth Fonseca que analisam sobretudo a nova linguagem poética introduzida por Paula Tavares. Linguagem essa que exprime duma maneira inovadora o erotismo e a sensibilidade femininos. Mas os versos da poetisa deixam-nos também ouvir a voz no feminino sobre importantes questões sociais, como, p.ex. a condição da mulher em Angola, a situação dos países africanos no período de pós-guerra e a identidade nas sociedades africanas pós-coloniais. Sem dúvida, a obra de Paula Tavares, concentrada, por um lado, na expressão audaciosa do erotismo e da sexualidade da mulher angolana, nunca antes presente na literatura de autoria feminina neste país africano e, por outro lado, nas questões sociais mais difíceis e complicados, abriu novos horizontes poéticos à geração mais nova das poetisas angolanas. É legítimo portanto constatar que elas seguem a tradição literária e ideológica das suas mestres evidenciando o desejo de contar a história a partir do prisma feminino.

Ao mesmo tempo, as jovens poetisas tentam introduzir novas temáticas. É possível reparar também que a construção social já não constitui a única preocupação dos sujeitos líricos. Contudo, o social é, segundo Inocência Mata, “uma presença obsidiante na escrita dessas poetisas” (2001: 112). A obra poética de Maria Celestina Fernandes reunida na coletânea *O meu canto* editada pela UEA em 2004, transmite-nos, como escreve no prefácio Irene Guerra Marques, as preocupações sociais da poetisa “face a determinadas situações de injustiça social (...), cruéis, que ainda se vivem no nosso país, no país que queremos ser” (2004: 9). Maria Celestina Fernandes nasceu em 1945, na província de Huila no sul de Angola. Iniciou a sua carreira literária na década de 80 com a publicação de trabalhos no jornal de Angola. Editou muitas coletâneas poéticas: *A borboleta cor de ouro* (1990),

Retalhos de vida (1992), *A árvore dos gingongos* (1993), *A rainha tartaruga* (1995), *A Filha do Soba* (2001), *O Presente* (2003). Nos poemas da última coletânea *O meu canto* de 2004, intitulados *Menino Mendigo* e *A Catorzinha* a voz lírica apresenta a realidade quotidiana e dolorosa vivida por algumas crianças angolanas. No caso do rapaz retratado no primeiro poema a infância é destruída pela necessidade de pedir esmola. No final da tarde a voz lírica busca a tranquilidade à beira do mar. Em vez dela vê “um menino de mãozinha estendida” (Fernandes, 2004: 27) e ouve a sua voz dizendo: “-Mi dá dinheiro p’ra compra pão, tia” (Fernandes, 2004: 27). Alguns minutos mais tarde, uma menina pede: “-Mãezinha, mi compra paracuca” (Fernandes, 2004: 27). O sujeito lírico compra a comida para as crianças mas não é capaz de eliminar a fome de todas as pessoas que a experimentam, e por isso sente remorsos e admite ter “(...) o espírito completamente desassossegado/ pelo julgamento a que me sentia severamente submetida/ por todas aquelas pobres criaturas” (Fernandes, 2004: 28). Deparamos neste poema com o contraste entre a Natureza harmoniosa e bonita que normalmente traz calma ao sujeito lírico e a realidade humana, cruel e injusta que impede a contemplação sossegada das paisagens. A miséria das crianças luandenses desanima o sujeito lírico, fá-lo sentir-se culpado enquanto pessoa adulta que não é capaz de assegurar a vida normal dos mais pequenos. No meu entender, Celestina Fernandes acusa neste poema, embora não diretamente, o estado angolano por não se preocupar suficientemente com as condições de vida da população nem com a perspectiva de desenvolvimento pessoal e social dos seus cidadãos.

No segundo poema evocado, *A Catorzinha*, deparamos com o drama duma “menina ou mulher/ esta donzela que todas as noites/ se prostitui numa qualquer esquina” (Fernandes, 2004: 25). A infância duma rapariga é destruída pela prostituição à qual a criança está submetida “enganada pelas fantasias de ‘boa vida’/ do tudo ter” (Fernandes, 2004: 25). A voz lírica acusa os homens de se aproveitarem impiedosamente duma criança desprotegida e desesperada cuja “vagina, precocemente desvirginada,/ não ganhou ainda a habituação do uso rotineiro. É reservada a senhores de poder (ladrões?)” (Fernandes,

2004: 26). Chamando ladrões aos homens de poder económico, a voz lírica critica severamente os novos ricos da sociedade angolana que perderam os mais básicos valores morais e são capazes de abusar sexualmente das raparigas que podiam ser as suas filhas ou netas. A questão da prostituição infantil constitui um dos mais graves problemas em vários países africanos (p.e.x. em Angola, Benin, Mali), mas os políticos fingem não estar conscientes e raramente procuram soluções eficazes.

Nos versos de Maria Celestina Fernandes a impossibilidade do sujeito de proteger os mais fracos, faz com que a voz lírica se sinta incómoda, desconcertada e abatida como o podemos comprovar no poema *Angustia*: “a minha angustia/ (...) é a grande desilusão/ de viver/andar em permanência de mãos dadas/ com a dor/ sofrimento/ dor que não é só minha/ diferente só, talvez, na forma de sentir” (2004: 24). Neste poema, a voz lírica compartilha poética e simbolicamente a dolorosa experiência dos seus compatriotas, as crianças incluídas, e coloca-se no lugar delas como se fossem os seus próprios filhos. A voz lírica dos poemas de Maria Celestina mostra-se muitas vezes profundamente magoada e entristecida pelas situações trágicas que observa todos os dias. Apesar disso, não perde toda a esperança. No poema que abre a coletânea e que deu o título a esta *O Meu Canto*, a poetisa confessa: “O meu canto é acordar/ todos os dias/ com esperança de não mais ver crianças sofrer/ O meu canto é acordar/ todos os dias/ e lembrar que o verdadeiro caminho para a Paz é perdoar/ O meu canto é acordar/ todos os dias/ e ter a certeza que vale a pena continuar a amar” (Fernandes, 2004: 13-14).

Outra poetisa angolana, Amélia Dalomba, mostra-se igualmente preocupada com a injustiça social que constitui um dos temas mais frequentes da sua poesia. Amélia nasceu em 1961, em Cabinda. Tem artigos e poemas publicados em revistas e jornais de Angola. Um dos temas dos quais trata nos seus textos é justamente o papel e o lugar da mulher na literatura e sociedade angolanas. Até agora publicou a coletânea *Ansia* (1995), *Sacrossanto Refúgio* (1996), *Es-pigas do Sahel*, editada pela Kilombelombe em 2004 e *Noites ditas à chuva* em 2005. Nesta última coletânea encontramos o poema

Herança de Morte em que a voz lírica se mostra muito severa em acusar os mesmos homens poderosos dos quais tratava Maria Celestina. São estes hipócritas que, na opinião da poetisa, são responsáveis pelo sofrimento da sociedade: “Lírios em mãos de carrascos/ Pombal à porta de ladrões/ Filho de mulher à boca do lixo/ Feridas gangrenadas sobre pontes quebradas/ Assim construímos África nos cursos de herança e morte” (Dalomba, 2004: 104). Os versos constituem um grito de acusação ao estado hipócrita que não só não cuida dos mais necessitados mas também participa na introdução da ordem política injusta no país, onde os mais ricos se enriquecem e os mais pobres se tornam cada vez mais pobres. Angola tem tudo: diamantes, petróleo, café e minerais, mas o povo angolano nunca viu nada dessas riquezas. As elites africanas corruptas junto com os governos dos países europeus, com o governo americano, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e as multinacionais conduzem África a cada vez maior miséria. O poema de Dalomba é um grito desesperado de protesto de quem quer salvar e transformar através da palavra o seu continente, a sua pátria e a sua gente.

No prefácio da coletânea poética *Espigas do Sahel*, Jorge Macedo repara que “a maior parte dos poemas fazem alusão a quadros humanos dolorosos, degradantes” nos quais “a autora serve-se dos mais diversos recursos estilísticos para experimentar o desencanto” (2004: 22). A voz lírica do poema *De um à dois mundos* admite criar “a prosa empenhada/ de versos da vida/ macerados de insensíveis indecências” (Dalomba, 2004: 23). Assim, a literatura tem como papel fundamental testemunhar as situações de sofrimento vividas por uma parte da sociedade angolana, por “os que vão abandonando suas terras de origem, acossados pelas batalhas, os mutilados, as quitandeiras que não comem para venderem o pão com que tentam ganhar mais pão para tanto filho” (Dalomba, 2004: 23). Deste modo a artista assume a sua responsabilidade literária de revelar através da escrita a real situação social e fá-lo apesar das repressões que possa sofrer. No poema *Esta outra África* a voz lírica confessa amargamente: “acomodei-me ao medo/ medo dos cárceres/ da calúnia/ dos homens/ medo, medo dos que cercam/ meu pensamento” (Dalomba, 2004: 50).

É neste poema que Dalomba se revela claramente como poetisa de engajamento político. A sua poesia de desencanto e, ao mesmo tempo, reivindicativa, de aposta num mundo melhor, engrossa com a obra mais recente de João-Maria Vilanova, uma corrente que podíamos chamar neo-nacionalista, na medida em que se bate por nação harmoniosa, de bem-estar social e de equilíbrio social, servindo-se de linguagem intertextualizada com Alda Lara e Amélia Veiga, a nível temático-formal. Neo-nacionalismo que difere do nacionalismo anti-colonial, o qual reivindicou a terra, a liberdade e o bem-estar social ao ocupante estrangeiro. Com efeito, arrancado o país ao poder colonial, agora a responsabilidade pelo adiamento da paz, liberdade e de harmonia é dos que “apunhalam a nação” demonstrando que a única coisa que mudou em vários países africanos é tão somente a cor da pele dos opressores a quem Dalomba acusa no poema *Nas canções dos nossos dias*: “Quem estendeu vasto/ lençol de mar e rio/ sulcos de terra/ à nossa existência/ Não fui eu/ (...) Quem inventou a história / escravos que iam/ barcos a navegar contratados/ sobre as nossas lágrimas/ nosso pranto/ Não fui eu” (2004: 37). Como escreveu no pós-fácio de *Espigas do Sahel* Adriano Mixinge, a poesia de Amélia retrata a triste paisagem humana (não só angolana) “desértica pela visível ausência dos poderes do bem. Estonteante e perversa quanto o humanismo sucumbe face ao dinheiro” (Dalomba, 2004: 104). Por isso, o que realmente importa hoje em dia, segundo este historiador e crítico de arte, é “a guerra pelo desenvolvimento justo e sustentável. A guerra pela (des)traumatização social” (Dalomba, 2004: 104). Esta vontade de transformar o mundo e a fé profunda que isso é possível fazem com que não possamos caracterizar a voz poética de Amélia Dalomba como fatalista. Efetivamente, apesar de tudo, ouvimos nela um certo otimismo e esperança no futuro melhor como, por exemplo, no poema *Respirar esperança* em que o sujeito anuncia no tom messiânico os tempos mais felizes: “Quando Deus acender a lâmpada/ sobre o mastro do meu berço/ calará o pranto nas aldeias/ (...) O verde mais verde/ do Mayombe/ pulmão do mundo/ a insuflar esperança” (Dalomba, 2004: 35). A esperança na possibilidade de atingir os objetivos da sociedade justa e reconciliada é também o tema do belíssimo poema *A Mulemba da Esperança* inserido no volume

Mulemba da Saudade de Alice Palmira editado em 2004 pela UEA, quando a voz lírica diz: “A Mulemba do Huambo/ É também a mulemba de renascer/ E vim replantar o meu sentido ao pé de ti/ Havemos de nos encontrar um dia para nos perdoar/ (...) Havemos de nos encontrar um dia para dar-nos kandandu” (2008: 100) A mesma esperança compartilha o sujeito lírico do poema de Ana Branco *Perpetuação do Amor* inserido no volume *A Despedida de mim* e editado em 2004, pela UEA: “Perder-se-á a guerra./ Morrerão os soldados,/ E finalmente perpetuar-se-á o amor...” (Santos, 2005: 32). Parece que a voz lírica acredita em que só se pode construir a nova sociedade baseando-se no amor. Sem amor não é possível reconstruir nem as vidas nem a sociedade angolana, que, como todas as sociedades que têm uma recente experiência traumática das guerras perderam os valores humanos mais básicos. A guerra destrói as sensibilidades, sentimentos, capacidade de amar. O sujeito do poema de Ana Branco *Ilusão* confessa amargamente: “Meu coração pobre enegrecido,/ Explodiu de saudade de não mais saber amar/ (...) Que pena gasta-se a vida em nada,/ E corre-se por tão pouco/ Que no final, falta-nos a coragem de alcançar,/ O que mais raro nos é” (Santos, 2005: 34).

O tema do amor é um tema mais frequentemente evocado na nova poesia das mulheres e é tratado como uma força capaz de salvar o indivíduo e o mundo. Constitui também a componente fundamental na construção identitária feminina seja o amor da mulher pelo homem, seja o amor universal pelo próximo ou ainda o amor materno. Começemos por este último.

O tema da maternidade é muito frequente na poesia das jovens poetisas angolanas (Maria Celestina Fernandes, Amélia Dalomba, Leila dos Anjos, Cecília Ndanhakukua). Mas não é um tema novo na literatura de Angola. Antes pelo contrário, desde sempre a maternidade constituiu um dos tópicos constantes na poesia deste país africano. A diferença reside na maneira da qual o tema é tratado hoje em dia em comparação com os tempos da luta pela independência. Como reparou António Candido fazer uma nação e fazer uma literatura são processos simultâneos (1976). Esta constatação torna-se importante quando se quer discutir os modos como, nos poemas an-

golanos, o corpo da nação é figurado por atributos femininos. A literatura procurando preencher o vazio provocado pelo “desenraizamento de comunidades e parentesco” (Bhabha, 1998: 199), utiliza metáforas e alegorias que resgatam as imagens de terra e de nação, associando-as com a figura feminina da mãe. Desta maneira, a figuração da terra, do território, ao se relacionar com imagens ligadas à mãe, ao milagre da gestação e do nascimento, recompõe a paisagem interior da identidade nacional e a pátria recupera as feições de uma Grande Mãe. Citamos o fragmento muito esclarecedor à este respeito de Maria Nazareth Soares Fonseca:

A etimologia da palavra pátria é importante para se compreenderem as alegorias e figurações em que pátria é a nação imaginada como mulher, descrita como um corpo que nutre e aconchega. Neste sentido, é interessante ressaltar que a palavra pátria, ainda que guarde muitos dos significados relacionados com o poder do pai, pater, deriva da palavra latina pátria, feminina, preservando de sua origem uma gama de sentidos ligados à mulher, à mãe, por excelência. O imaginário ligado à terra pátria, nação reforça com atributos femininos a idéia de origem, o lugar onde se nasceu (...) Não é de se estranhar portanto, que imagens ligadas ao feminino sejam retomadas para se compor o corpo da nação, embora nem sempre seja a mulher a produtora dos discursos que tecem os contornos dessa comunidade imaginada, pensada como a grande casa que acolhe todos os seus filhos. No entanto ao se transformar em alegoria e assumir os qualificativos que fortalecem o ideal de nação, o feminino é esvaziado dos predicados que fazem dele um corpo desejante, pois, é silenciado em suas expressões mais íntimas. Alijado de corporeidade, o feminino faz-se realidade estética e política e fortalece a imagem da mulher-terra, da grande mãe de colo e seios fartos, mas esvaziada em sexualidade (Fonseca, s.d.)

Assim, nos poemas de feição revolucionária a figura da mulher que carrega o filho no ventre ou às costas, está relacionada com a tendência de identificar a África com a maternidade. A figura feminina, vista como corpo fecundante da terra ou como imagem geradora de um futuro de liberdade, modela-se justamente pela insistência na fertilidade, na maternidade e pela percepção da mulher como herdeira

e transmissora das tradições familiares. A partir dos anos 80 porém ultrapassa-se o símbolo da Mãe-África e a maternidade começa a ser tratada como uma experiência individual de cada mulher.

Também o tema do amor entre homem e mulher com os seus tópicos, o erótico, o sensual e o sexual, que não convinha nomear nos tempos da construção da utopia da nação, ganha uma nova dimensão nos versos das mais recentes poetisas angolanas. Com Paula Tavares e depois com Maria Alexandre Dáskalos desconstruiu-se o discurso sobre a mulher-mãe-filha-irmã-companheira de armas e subverteu-se os códigos da feminilidade sempre ligada, na poesia africana, à fecundidade. De facto, nos poemas de Paula Tavares e Alexandre Dáskalos existe sempre uma quase reivindicação da forma de sentir e do ser amoroso, a exaltação do prazer, do corpo da mulher, de uma força erótica e da assumpção desse mesmo erotismo, social e secularmente negado à mulher por razões culturais.

Nos versos publicados depois do ano 2000, as poetisas angolanas já não enfrentam os mesmos problemas e, portanto, não têm obstáculos convencionais para exprimir poeticamente os seus desejos, fantasias e linguagens dos seus corpos. Podem expressar livremente nos versos a componente sexual da identidade feminina. Neste aspecto são muito interessantes os poemas de Cecília Ndanhakukua inseridos na coletânea *Insónias Líricas* editada em 2002, pela Nzila. No poema *Relembrar* o sujeito lírico apresenta diretamente a intensidade das suas vivências eróticas revelando paixão e desejo sem falsa vergonha: “São meus ainda/ Os fragmentos de aroma/ Deixados por ti/ Em meus lençóis/ São viventes ainda/ As tuas canções/ Cantadas no meu ouvido/ De mulher apaixonada/ (...) São meus ainda/ Os gemidos soltos de mim/ Na madrugada/ Duas horas antes de partires/ Com destino sem regresso” (Santos, 2005: 77). Ao mesmo tempo a voz lírica revela também a sua frustração, nostalgia, dor e saudades pelo homem que a abandonou. A sensação do abandono, da falta, da profunda solidão e da tristeza por ter sido enganada pela pessoa amada é bem visível no poema *Traição*: “Amores traídos/ Promessas falsas/ Filhos esquecidos/ No destino do tempo/ Esquecidos no tempo/ Fúnebre da tempestade/ Eu sou a solidão do tempo/ Vento sem

eco/ Vento sem voz/ Vento sem rebento/ Exposto ao sol ardente” (Santos, 2005: 80). Assim o amor da mulher é uma experiência dolorosa que causa sofrimento. Há uma incompreensão do sujeito feminino pelos homens que não entendem os seus sentimentos e necessidades. Contudo, nenhum homem vê as lágrimas do sujeito do poema, nenhum as entende e nenhum é capaz de secá-las. Por isso, a voz feminina, para ser ouvida, tem que se exprimir através da escrita. Deste modo, as poetisas constroem os seus mundos amorosos reimaginados e recriados *na* e *pela* poesia. Ao brincar com o seu pensamento, com a realidade vivida, com a ilusão e o sonho, as poetisas refazem os seus amores, reinventam-nos com a alquimia da palavra. Esta vontade de viver um sonho impossível podemos observar no poema *Sonhos...Sonhos* de Leila dos Anjos publicado no volume *Angels* em 2005 pela UEA: “(...) esperarei.../ Sem medir as consequências, esperarei/ Esperarei sim,/ Nas noites tristes te chorarei,/ Te lembrarei, te buscarei, se/ Não te encontrar adormecerei,/ Num sono profundo contigo sonharei(...)” (2005: 7-8). Neste “sono profundo” em que se reinventa, tal como ao amor e os seus imaginados e imaginários sentidos, a poetisa descobre-se a si própria pela força e pela magia das palavras. São elas que apagam fronteiras entre realidade da vida e a (ir)realidade do sonho como no poema *Sofreguidão*: “Ontem fostes somente um sonho,/ (...) Depois, tornaste-te obsessão,/ ter-te era não somente uma ilusão,/ mas um prazer sublime, em tocar tua/ pele, beijar teu corpo (...)/ e identificar-me contigo./ (...) Não era mais um sonho,/ mas uma realidade inverosímil./ E voltaste a ser um sonho (...)” (Anjos, 2005: 14). O sonho serve à poetisa de refúgio simbólico da realidade dura que experimenta e lhe permite escrever como quem sente devagar um sonho demorado entre a consciência da ilusão e o desejo de a viver e de revelar o seu ser mais íntimo.

A essência deste ser íntimo e a vontade de encontrar e de captar imagens múltiplas da misteriosa identidade feminina constituem outro tema da produção literária intimista das poetisas angolanas. Vejamos o poema *Lamento* de Carla Queirós da coletânea *Os Botões Sonham com o Mel* editada em 2001, em que a voz lírica tenta se definir mesmo que não encontre uma definição exata: “Quem mais

não sou do que o talvez/ Sou o sonho em dia quente/ Sou a ilusão no vazio/ Sou o desejo que procura fundamento/ Sou o que mais quero/ Dentro de tudo que não tenho/ Sou o que sou/ A pequena e bela dúvida/ Que inspira a poesia” (2005:73). São muito parecidas as palavras da voz lírica do poema *O Tempo* de Kanguimbo Ananáz: “Não sei se sou/ Serei” (Santos, 2005: 111). O sujeito não consegue definir-se completamente porque a sua identidade não é una, senão múltipla e em constante construção. Esta construção é difícil, é um processo intelectual e emocional complicado que exige muito esforço. A voz lírica do poema *Levanta-te e vai* de Leila dos Anjos confessa: “(...) ainda vou ter/ que descobrir, o motivo da minha vida,/ a incerteza do meu presente e a/ esperança do meu futuro”(2004: 24). Também o sujeito do poema *Meu ego* da mesma poetisa sente-se inseguro e um tanto perdido nos tempos da pós-modernidade perturbadora em que vive e desabafa: “Meu ego fugiu do meu ser,/ atravessou o meu corpo,/ deixando-me transparente e vazia por dentro (...)” (Anjos, 2005: 23). O belíssimo poema *O Acaso da Vida* da mesma poetisa está cheio de perguntas identitárias às quais o sujeito não sabe responder: “Quem sou?...onde estou?.../ Não serei, por acaso, mais um dos acidentes/ da vida (...)?/ Procuro, procuro, não ouço nem o bater/ do meu coração. Meu Deus...!/ Que faço eu aqui, onde nada faz sentido?” (Anjos, 2005: 19). O sujeito procura-se, não se encontra mas deseja encontrar o seu lugar próprio que entendemos como um *locum* mental (Kalaga, 2004: 79). A identidade que nasce ao percorrer o fascinante caminho da vida para encontrar este lugar, esta identidade nascida do desejo de ser totalidade, revela-se justamente no espaço entre ser e escrever. O sujeito poético precisa da escrita para se perceber e é o processo da escrita que lhe permite e facilita a autoconsciencialização.

Resumindo as reflexões sobre as imagens do universo feminino e da(s) identidade(s) feminina(s) sempre em construção na poesia angolana escrita por mulheres, podemos constatar que a expressão poética lhes permite evidenciar as suas aspirações, desejos, problemas e dificuldades veladas ou explícitas. A poesia das mulheres torna-se num espaço de jogo especular de ajuste, de reajustes e de confluên-

cias de identidades coletivas e individuais. A visão da mulher enquanto um agente activo na vida social e política é comum na poesia das autoras das quais tratámos. A vontade de transformar o mundo através da escrita e a convicção profunda que a literatura tem sempre um papel social importante a cumprir são provas do engajamento ideológico feminista de Maria Celestina Fernandes, Amélia Dalomba, Leila dos Anjos, Ana Branco, Alice Palmira, Carla Queirós, Cecília Ndanhakukua e Kanguimbo Ananáz.

Bibliografia

- ANJOS, Leila dos, (2005), *Angels*, Luanda, UEA.
- BEZERRA, Kátia da Costa, (s.d.), “Construindo uma identidade: Um estudo Comparativo”, em: <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/249-construindo-uma-identidade-um-estudo-comparativo.html?tmpl=component&print=1> (23.01.2011).
- BHABHA, Homi, (1998), *O local da cultura*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- CANDIDO, António, (1976), *Literatura e sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 5ª ed.
- DALOMBA, Amélia, (2004), *Espigas do Sahel*, Luanda, Kilombelombe.
- FERNANDES, Maria Celestina, (2004), *O meu canto*, Luanda, UEA.
- FERREIRA, Manuel, (1992), “A propósito da novíssima poética angolana”, *Letras & Letras*, Lisboa, nº 70, p. 8.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares, (s.d.), “O corpo feminino da nação”, em: <http://www.uea.angola.org/artigo.cfm?ID+485> (21.01.2011).
- KALAGA, Wojciech, (2004), *Dylematy wielokulturowości*, Kraków, Universitas.
- LABAN, Michel, (1998), *O encontro com os escritores angolanos*, Porto, Fund. Eng. António de Almeida.
- MATA, Inocência, (2001), *Literatura Angolana: Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta*, Lisboa, Mar Além.
- SANTOS, Seomara, GIOVETH, Filomena (coord.), (2005), *O amor tem asas de ouro. Antologia da Poesia Feminina Angolana*, Luanda, UEA.
- VASCONCELOS, Adriano Botelho de (coord.), (2008), *Todos os sonhos. Antologia da Poesia Moderna Angolana*, Luanda, UEA.